

de um estudioso argentino ou uruguai. Entre os benefícios que pôde prestar à nossa cultura histórica o sr. Rubens Borba de Moraes inscreve-se este, particularmente, de ter dado, quando diretor da Biblioteca, o primeiro passo para divulgá-lo, na parte que mais diretamente se prende à história do Brasil, com o convite feito ao sr. Jaime Cortesão para incumbir-se de seu estudo, leitura e reprodução.

Na dezena de volumes, ou quase, que abrangerá talvez a publicação ora iniciada, figurará sem dúvida muita informação de molde a esclarecer e completar aspectos ainda obscuros de nossa história. Em numerosos casos não passarão desses fatos miudos e sem aparente significação, sobre as quais muito historiador passa por alto e que mesmo em outros documentários já conhecidos — do padre Pablo Pastolls, e do padre Teschauer em sua História do Rio Grande do Sul, e do arquivo de Sevilha, parcialmente impresso nos Anais do Museu Paulista, os do arquivo de Assunção do Paraguai, divulgados ultimamente pelo Departamento de Cultura de São Paulo, os de diversas coleções espanholas ou argentinas — deixam envoltos por vezes num sobranceiro silêncio. Mas é justamente desses fatos miudos que podemos tirar a substância de uma história atenta não tanto à edificação como ao conhecimento dos homens.

**A**TRAVÉS das próprias indiscrições contidas nestas cartas e rascunhos, que não se destinavam à posteridade nem a um público numeroso, encontramos elementos



## A LENDA NEGRA

06-04-52

**S**EM documentos é impossível es-  
crever-se história. Desde o de-  
clinio de certa historiografia sim-  
ploramente positivista esta obser-  
vação, que ainda em começo deste  
novo século, tinha valor quase  
axiomático, perdeu aos poucos  
uma parte de sua força de atra-  
ção.

Abandonado o fetichismo dos  
"fatos, no caso o dos "fatos his-  
tóricos", não hesitariam muitos  
em abandonar igualmente, e crelo  
que injusta e perigosamente, a  
noção de que os estudos históri-  
cos se hão de fundar sobre uma  
base largamente documental.

Sucede apenas que a colheita,  
a arrumação, a *toilette*, dos do-  
cumentos representa, em realida-  
de a fase rudimentar, insubsti-  
tuível, daqueles estudos. Que o  
historiador não é um ente per-  
feitamente passivo diante dos fatos  
historiados admitiam-no, aliás, os  
próprios positivistas quando tra-  
tavam de erigir sobre princípios  
rigorosos, "científicos", sua criti-  
ca das fontes.

Contudo havia uma coerência  
indissimulável entre essa tácita  
admissão e o conjunto dos seus  
propósitos e ideais. O princípio  
dominante a própria razão de ser  
do método crítico estribava-se, em  
realidade, na ambição de ver apa-  
gar-se o historiador em face da  
seu objeto, que fôra a ambição  
de um Ranke antes de se tornar  
a dos positivistas.

E' nisto que semelhante mé-

todo já parece, hoje, considera-  
velmente ultrapassado. Ultrapa-  
sado, não, certamente, pelas teu-  
rias que afirmam, contra a pre-  
potência decisiva dos "fatos", a  
preeminência de esforços inter-  
pretativos mais ou menos capri-  
chosos, e contra o puro eruditis-  
mo e simples e irresponsável en-  
saísmo, pois parece evidente que  
a preocupação de inverter meti-  
culosamente determinado critério  
é ainda uma das formas de de-  
pendre dele. Mas, isso sim, pela  
valorização crescente do papel do  
historiador, que não se limita a  
registrar, mas também, e princi-  
palmente, a elaborar, animando-os,  
os fatos materiais que formam a  
ossatura da história.

Já se tem falado na "imagina-  
ção do real" como de uma das  
virtudes do historiador. Imagina-  
ção que supõe necessariamente  
esse real e que se há de valer,  
por conseguinte, dos testemunhos  
representados nos textos documen-  
tais, infundindo-lhes apenas uma  
vida renovada.

**M**AS quem negará, por outro  
lado, que muitos desses teste-  
munhos já oferecem, por si só,  
uma força de sugestão, uma ve-  
rossimilhança, uma vivacidade,  
inacessíveis a qualquer tentativa  
de elaboração? E' bem esse  
o caso dos manuscritos da já fa-  
mosa Coleção de Angelis de nos-  
sa Biblioteca Nacional, cuja im-  
pressão, agora felizmente iniciada  
(*Manuscritos da Coleção De An-  
gelis. I. Jesuitas e Bandeirantes  
no Guairá*. Biblioteca Nacional.  
Divisão de Obras Raras. Rio de  
Janeiro, 1951), pode dizer-se que  
marcará uma época no estudo de  
nossa história, mórmente na his-  
tória do sul do Brasil e ainda  
das terras platinas.

Através das quinhentas páginas  
deste primeiro volume, surpreen-  
dem-se ainda palpitanas de vida,  
os sucessos que assinalam o iní-  
cio de nossa expansão territorial  
rumo ao sul e ao oeste. Graças  
ao benemérito zélo e à compe-  
tência de Jaime Cortesão, que  
leu, interpretou, anotou e comen-  
tou extensamente os manuscritos,  
nem mesmo o leitor leigo ou in-  
sensível à sedução dos problemas  
históricos percorrerá sem interes-  
se as páginas deste livro.

Seria demais tentar recentar  
aqui a história desse opulento  
documentário reunido na Argenti-  
na de Rosas por um jornalista  
napolitano a serviço do ditador.  
Adquirido há quase um século  
pelo governo imperial, não en-  
contrara entre nossos historiado-  
res, salvo poucas exceções — e  
entre elas cumpre mencionar a  
do coronel Rego Monteiro, com  
seu minucioso estudo sobre a co-  
lônia do Sacramento — quem  
a utilizasse devidamente, embora  
tenha merecido a atenção de mais  
de um estudioso argentino ou uru-  
guai. Entre os benefícios que  
pôde prestar à nossa cultura his-  
tórica o sr. Rubens Borba de  
Moraes inscreve-se este, particular-  
mente, de ter dado, quando diretor  
da Biblioteca, o primeiro passo  
para divulgá-lo, na parte que mais  
diretamente se prende à his-  
tória do Brasil, com o convite feito  
ao sr. Jaime Cortesão para in-  
cumbir-se de seu estudo, leitura  
e reprodução.

Na dezena de volumes, ou qua-  
se, que abrangerá talvez a pu-  
blicação ora iniciada, figurará sem  
dúvida muita informação de mol-  
de a esclarecer e completar as-  
pectos ainda obscuros de nossa  
história. Em numerosos casos não  
passarão desses fatos miudos e  
sem aparente significação, sobre  
as quais muito historiador passa  
por alto e que mesmo em outros  
documentários já conhecidos —  
do padre Pablo Pastells, e do  
padre Teschauer em sua História  
do Rio Grande do Sul, e do arqui-  
vo de Sevilha, parcialmente im-  
presso nos Anais do Museu Pau-  
lista, os do arquivo de Assunção  
do Paraguai, divulgados ultima-  
mente pelo Departamento de Cul-  
tura de São Paulo, os de diversas  
coleções espanholas ou argentinas —  
deixam envoltos por vezes num  
sobranceiro silêncio. Mas é jus-  
tamente desses fatos miudos que  
podemos tirar a substância de uma  
história atenta não tanto à edi-  
ficação como ao conhecimento dos  
homens.

**A**TRAVÉS das próprias indiscre-  
ções contidas nestas cartas e  
rascunhos, que não se destinavam  
à posteridade nem a um público  
numeroso, encontramos elementos

**Sergio Buarque de Holanda**

que ajudam a retificar, até certo  
ponto, julgamentos históricos apa-  
rente pacíficos. Já em sua  
*História das Missões Orientais de  
Uruguai*, impressa em 1943 pela  
Diretoria do Patrimônio Histórico  
e Artístico Nacional, pudera Au-  
rélio Pôrto, valendo-se de do-  
cumentos da coleção De Angelis



desfazer a suposição de que no  
ussato às missões de Tape, em  
território hoje do Rio Grande do  
Sul, os homens de Raposo Tava-  
res acrescentaram ao ato de ra-  
pina, o crime de atacarem popu-  
lações inermes. E é significativo  
que a carta do padre Diaz Tano,  
onde se revela que os jesuítas e  
índios das missões se achavam  
bem armados e aptos para a luta,  
fôra cuidadosamente riscada na  
primeira e última página, tornan-  
do-se quase ilegível nas partes  
onde se trata do emprego de ar-  
mas de fogo. Riscadas prováve-  
lmente pelo superior a quem fôra  
dirigida e que não se interessaria  
em ver divulgada uma notícia tão  
em contraste com suas próprias  
declarações públicas.

(Conclui na 6.ª página)

*Continua no verso*

## A Lenda Negra

(Conclusão)

O texto esclarecedor não se encontra ainda no volume agora publicado, que se refere apenas às missões do Guairá. Mas dos documentos que nele se inserem e dos comentários do professor Cortesão depreende-se claramente como os paulistas não encontraram situação muito diversa nas suas investidas iniciais sobre terras do atual Estado do Paraná. Sabemos agora que, desde 1618, os padres pediam ou se reservavam armas de fogo para os indios.

E que dez anos mais tarde, sem terem licença para isso, utilizavam-nas contra os bandeirantes, embora acentuando, em documentos oficiais, que continuavam indefesos.

Para quem se preocupe em absolver os bandeirantes da espécie de "leyenda negra" que ainda hoje os envolve não será sem interesse observar estas curiosas contradições. Figurantes mudos de nossa história, é em grande parte pelo

## Letras e Artes

(Conclusões da 12.ª página)

testemunho de outros, de seus mais apaixonados inimigos e de suas vítimas que conhecemos certos pormenores de sua obra. Agora, a palavra desses inimigos irá ajudar-nos a melhorar o retrato, por vezes infiel, que deles nos foi legado.

E em alguns casos, o ressentimento contra a ferocidade dos célebres "portuguêses de San Pablo" não consegue, aqui, dissimular o que entrava de humano e até de piedoso, segundo as noções do tempo, nesses "lobos carniceiros". O próprio Montoya, um dos responsáveis pela lenda negra, não oculta, na ânua de 1628 (à página 271), que chegando a certa redução de Guairá os assaltantes tiveram o zélo de primeiramente examinar na doutrina alguns índios que podiam passar por cateúmenos. Aos que mostraram conhecer a lei de Deus mandaram aos padres e ainda os regalaram com cunhas e anzois. Só carregaram para o próprio serviço aos outros, que, por infieis, não deram de si boa conta.

Aqueles que vêm na história sobretudo um incitamento à apologia, à polêmica ou ao desabafo, não deixarão de encontrar aqui mais de um estímulo valioso. Não faltam outros motivos, porém, que autorizam a saudar a publicação, agora iniciada, da coleção De Angelis, como um acontecimento raro e feliz para os que cuidam em melhor conhecer o Brasil, tratando de conhecer melhor os fatos ainda obscuros de seu passado.

*Remessa de livros:*

Rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.



ESTA' no Rio uma comissão cultural portuguêsa, de que participam os escritores Vitorino Nemésio, Aquilino Ribeiro, Luis Forjaz Trigueiros e outros. No Gabinete Português de Leitura, Vitorino Nemésio falou em nome da embaixada cultural, discursando ainda o sr. Albino de Sousa Cruz e, pelos brasileiros, o sr. Sérgio Buarque de Holanda.

A comissão recebeu ainda duas homenagens: um jantar, oferecido pelo ministro das Relações Exteriores e um "cocktail" na Embaixada portuguêsa.

\* \* \*